



## A escrita enquanto arma: contos subversivos.\*

Caroline Poletto\*\*

*“Um conto é a verdadeira máquina de criar interesse”.*  
Júlio Cortázar

**Resumo:** O presente artigo tenciona apresentar ao leitor parte do universo literário existente nos jornais e suplementos anarquistas e anticlericais que circularam pelas ruas de Buenos Aires e Porto Alegre durante os anos de 1904-1908; de forma que se tentará mostrar quais eram as estratégias, ênfases, estilos e temáticas verificadas em alguns contos cuja função era extremamente pedagógica e militante. A análise dos contos objetivará, portanto, responder questões (ou, quando uma resposta precisa não for possível, apontar possibilidades) tais como: que representações do mundo social eles (os contos) recriavam? Que desejos, angústias, utopias ou frustrações expressavam? O que objetivavam? No entanto, ressalta-se que o presente artigo não esgotará os elementos literários em questão, uma vez que a amostragem analisada será reduzida e a explanação se destinará, principalmente, a suscitar reflexões e possibilidades, não necessariamente certezas e conclusões; de forma que um estudo aprofundado e exaustivo acerca dessa temática e documentação ainda será necessário.

**Palavras-chave:** Contos libertários. Anarquismo. Imprensa operária.

**Abstract:** This article aims to introduce to the reader part of the universe of the anarchist and anti-clerical newspapers and supplements that circulated the streets of Buenos Aires and Porto Alegre from 1904 to 1908, attempting to show the strategies, emphases, styles and themes found in some tales with extremely pedagogical and militant goal. The analysis of these tales aims to answer questions (or show possibilities whenever a precise answer is not possible to identify) such as: what representations of the social world did they (the tales) recreate? What desires, anxieties, utopia or frustrations did they express? What was their goal? However, it is important to emphasize that this article does not conclude the literary elements in question, since the analyzed sample is reduced and the explanation intends mainly to generate ideas and possibilities, and not necessarily certainties and conclusions, in a way that an exhaustive and deep study of this topic and documentation will still be necessary.

**Keywords:** Liberty tales. Anarchism. Working class press.

\* Texto baseado na dissertação da autora (POLETTTO, 2011).

\*\* Mestre em história (UNISINOS). Área de concentração: Estudos históricos latino-americanos, com ênfase no pensamento anarquista.



Os contos são testemunhos de uma história viva e humana e comportam, necessariamente, dimensões subjetivas as quais permitem perceber desejos, angústias, utopias, sonhos; de forma que os elementos literários aqui analisados apresentarão essas dimensões subjetivas entrelaçadas com dimensões objetivas, com questões do cotidiano denunciadas pelos autores dos textos; os quais não falam apenas por si próprios, mas sim representando uma coletividade. Nesse sentido, os textos literários tanto servem para apontar características do mundo vivido, como para possibilitar o contato com o imaginário, o sonhado, o idealizado.

Portanto, os contos, por envolverem, na maioria das vezes, questões subjetivas, acabam por provocar emoções nos leitores, os quais, possivelmente, se revoltam, se indignam e se compadecem com a leitura desses textos libertários; essa provocação de sentimentos faz com que os contos dos jornais e suplementos analisados nesse artigo tenham um valor considerável no que concerne à pedagogia libertária e anticlerical, uma vez que esses escritos tinham na palavra o instrumento de luta e de denúncia contra as opressões vivenciadas, jogando sempre com as emoções, com os sentimentos dos leitores para, assim, convencê-los da necessidade de mudança visando um mundo alternativo, desprovido dos privilégios até então assegurados.

Tendo em vista essa função estratégica dos contos (função de comover, convencer, revoltar) verifica-se a presença maciça desses tanto nos jornais, quanto nos suplementos aqui analisados; sendo que, o periódico **La Protesta**<sup>1</sup> apresenta, via de regra, pelo menos quatro contos (seja na forma fabular ou não) por exemplar; mesmo número se verifica no periódico **A Luta**<sup>2</sup> (sendo a maioria deles na forma fabular); já o jornal anticlerical **Lúcifer**<sup>3</sup>, bem como o **Suplemento de La Protesta**<sup>4</sup> apresentam um número superior de contos por exemplar, número esse que não é fixo, porém sempre expressivo. Dentre a grande quantidade de contos

<sup>1</sup> “**La Protesta Humana**” foi fundado no ano de 1897 em Buenos Aires. Mantém a sua circulação até os dias atuais, se configurando num dos principais periódicos anarquistas, tanto pela qualidade dos seus escritos como pelo seu tempo de duração. A partir de novembro de 1903 “**La Protesta Humana**” abreviou seu nome e passou a se chamar “**La Protesta**”.

<sup>2</sup> O periódico anarquista “**A Luta**” circulou em Porto Alegre nos anos de 1906 a 1911.

<sup>3</sup> O periódico “**Lúcifer**” circulou na cidade de Porto Alegre entre os anos de 1907 a 1911. Alguns estudiosos do movimento operário caracterizam esse periódico somente enquanto anticlerical e não anarquista. Já outros, como João Batista Marçal, o caracterizam também como anarquista; este define da seguinte maneira o periódico: “*revista mensal, anticlerical, ilustrada. Anarquista*” (MARÇAL, 2004, p.107). Não há dúvida do caráter anticlerical do periódico, no entanto o mesmo apresenta alguns textos de anarquistas clássicos como Bakunin e Kropotkin e alusões ao educador libertário Francisco Ferrer que deixam transparecer certa simpatia com o movimento libertário. No entanto, para evitar uma rotulação talvez exagerada referir-se-á a esse periódico enquanto anticlerical antes de anarquista.

<sup>4</sup> O **Suplemento de La Protesta** circulou em Buenos Aires entre os anos de 1908 a 1909.



verificada, escolheram-se apenas quatro contos para refletir sobre a importância e o formato que conferiam à imprensa em questão.

Antes de dar início a análise desses quatro contos é importante clarear a ideia do que seja um conto ou uma fábula (uma vez que muitos contos anarquistas apareciam na forma fabular); o conceito conto não tem apenas uma definição, mas múltiplas, as quais variam entre umas e outras. No entanto, existem características que são comuns à maioria das definições existentes para o termo conto. Dentre elas, pode-se citar o tamanho reduzido da narrativa, o caráter ficcional, a ocorrência de poucos detalhes, um número reduzido de personagens e um alto teor de comoção. Para Wells, por exemplo, “o conto pode ser qualquer peça de ficção passível de ser lida em meia hora” (WELLS *in* GOTLIB, 1988, p.73) e, segundo Souza “o conto é uma narrativa em prosa de extensão mais breve” (SOUZA, 1999, p.56). Eickenbaum, por sua vez, reforça o caráter reduzido do conto, também chamado de “*short story*” e soma outras características à definição do mesmo:

Short story é um termo que subentende sempre uma estória e que deve responder a duas condições: dimensões reduzidas e destaque dado à conclusão. Essas condições criam uma forma que, em seus limites e em seus procedimentos, é inteiramente diferente daquela do romance. (EICKENBAUM *in* GOTLIB, 1988, p.40)

Edgar Allan Poe<sup>5</sup> também ressalta a importância de se atingir, através do conto, uma *unidade de efeito*; ou seja, o conto deve excitar, exaltar e provocar emoções no leitor tendo o cuidado de não deixar tais efeitos diluírem-se com a leitura da narrativa. É preciso deixar o leitor interessado e curioso do princípio ao fim; para obter tal *efeito de unidade* o conto não deve ser extenso e nem curto demais. Soma-se a essas características o fato de o conto ser, na maioria das vezes, condensado (com poucos detalhes), claro e forte; de maneira que ele deve atingir emocionalmente o leitor, deve “*seqüestrá-lo momentaneamente*” sem o confundir, utilizando-se de uma linguagem comum, simplificada e desprovida de embaraços.

Também se verifica a presença de um tipo peculiar de conto: a fábula. A fábula ou a forma fabular do conto utiliza, normalmente, animais como personagens da história e sempre termina com um aprendizado moral (finalidade essa que nem todos os contos apresentam). A fábula também aponta para um universo maravilhoso, em que o “maravilhoso” diz respeito a coisas monstruosas, excepcionais, anormais, que fogem ao cotidiano. “Modernamente, sabe-se que fábula é a estória com personagens animais, vegetais ou minerais, tem objetivo instrutivo e é muito breve” (GOTLIB, 1988, p.15).

<sup>5</sup> Embora os primeiros contos remontem à Antiguidade (contos egípcios) será com Edgar Allan Poe e os Irmãos Grimm, no século XIX, que o conto se desenvolverá enquanto gênero literário.



Nesse breve artigo serão analisados contos e fábulas anarquistas e anticlericais que dissertam a respeito da exploração e da miséria, bem como aqueles que denunciam diretamente as instituições opressoras representadas através do Estado e da Igreja. E ainda, contos esperançosos, que pretendem causar revolta e produzir um agir cambiante nos leitores.

No conto retirado do periódico **A Luta**, e datado de 1907, transparece o caráter opressor da sociedade capitalista. Sociedade essa marcada pela miséria e exploração mantida pelo dualismo trabalhador x patrão, pobres x ricos (no conto se faz alusão ao “*bairro dos ricos*”, “*ao bairro do luxo e da riqueza*” em contraste com “*os bairros do trabalho e da miséria*” e “*bairro do sofrimento*”). Para apresentar esse conflito (trabalhador x patrão), o autor do conto procura desmoralizar o trabalho a que estavam submetidos os trabalhadores, referindo-se a esse com a denominação pejorativa/ negativa de “*batalha diária*” e os trabalhadores enquanto “*exército do trabalho*”, o que sugere a noção negativa que os libertários do diário **A Luta** tinham a respeito do trabalho na indústria. Tais denominações auxiliam na construção da noção negativa do trabalho entre os leitores do periódico, uma vez que inconscientemente, o leitor absorve e, após algum tempo, começa a relacionar termos negativos com a ideia de trabalho. Sobre a escolha das palavras, Gotlib (1988, p.13) aponta que:

A voz do contador, seja oral ou escrita, sempre pode interferir no seu discurso. Há todo um repertório no *modo de contar* e nos *detalhes* do modo como se conta – entonação de voz, gestos, olhares, ou mesmo algumas palavras e sugestões - , que é passível de ser elaborado pelo contador, neste trabalho de conquistar e manter a atenção do seu auditório.

Outro refinamento na escolha de palavras é verificado naquelas cuja função é denunciar a miséria em que vivia parte do operariado portoalegrense, uma vez que pelos próprios termos com que o autor do conto se referia à determinada situação, a existência da miséria se fazia sentir pela forte carga das palavras contidas no discurso literário. Por exemplo, utiliza-se de palavras e expressões como “*triste albergue*” como alusão à moradia operária e as palavras “*mãe moribunda*”, “*viajor fatigado*”, “*vítimas*” para se referirem aos pobres, aos trabalhadores. Além da escolha de recursos criativos como a utilização de certas palavras cuidadosamente selecionadas, o conto do periódico **A Luta** também apresentava um alto teor de comoção, maximizado pelo final trágico da narrativa, cumprindo, portanto, a função de “suscitar nos leitores certos sentimentos e provocar comportamentos ajustados às necessidades do processo da construção da nova sociedade, ácrata, naturalmente” (LEAL, 1999, p.1).



### As vítimas do Trabalho

João levantou-se da cama apressadamente; o estridente apito que partia da fábrica vizinha chama o exército do trabalho a ocupar o seu posto na batalha diária... Vestiu-se num abrir e fechar de olhos e sem maiores preparativos abandonou o seu triste albergue... Fazia frio, muito frio. Era uma madrugada de inverno. O pampeiro uivava nas tortuosas e estreitas ruas como um chacal faminto no deserto imenso; ora gemia e chorava, como a terna criança nos braços de sua mãe moribunda; ora batia, como o viajor fatigado, nas janelas e portas, pedindo um refúgio, um asilo, mas, de repente calava-se, e outra vez tornava a uivar ... mas que uivar terrível!... O bairro, uma hora antes, parecido a um cemitério, pôs-se em movimento. Homens, mulheres, meninos e velhos, robustos e doentes, encurvados e raquíticos. Corriam em todas as direções, sufocando-se, atropelando-se, blasfemando e maldizendo a sua má sorte; e os apitos estridentes vibravam sem descanso... A gente precipitava-se através de algumas portas estreitas e escuras, parecidas a monstruosas gargantas que engoliam suas vítimas, sem piedade nem compaixão. João subia por um beco que conduzia à parte norte da cidade, desembocou numa larga rua, caminhava apressadamente, atravessava as praças em diagonal para encurtar o caminho, dobrar esquinas, e por fim parou em frente de um enorme edifício em construção; trabalhava ali, era pedreiro. Outros companheiros seus chegavam a intervalos de distintas direções e todos se dispunham ao trabalho. Os andaimes foram invadidos e em seguida o bater do martelo nos tijolos interrompeu o majestoso silêncio daquele bairro de luxo e de riqueza. João trabalhava no terceiro andar, a seus pés estendia-se um abismo profundo, a monstruosa cidade com seus milhares de habitantes. À sua vista perdiam-se ao longe os bairros do trabalho e da miséria, nada se distinguia, somente ouvia-se um rumor confuso que chegava até lá em cima ao mesmo tempo em que umas negras colunas de fumo, às alturas cobriam com o seu manto negro, de aspecto fúnebre, aqueles bairros de sofrimento. Distinguiam-se entretanto mais claros os bairros da riqueza. O sol radiante iluminava com seus dourados raios as altas e multicores janelas, refletindo e produzindo fantásticos aspectos na atmosfera pura e diáfana que majestosamente cobria aqueles bairros. João ficou pensativo. Este enorme panorama produzia-lhe idéias lúgubres e sinistras. Por que eles, os trabalhadores de todos os ofícios, produtores da riqueza social, que levantam palácios, constroem caminhos de ferro numa palavra, produzem tudo que não é obra da natureza, sofrem miséria e fome, habitam em imundos cubículos, estão expostos às intempéries, aos acidentes do trabalho... Enquanto que a seus pés habita gente que não trabalha nem produz e goza de todas as delícias e esplendores que a mãe natureza brinda a todos os seres viventes? ... De repente sentiu uma vertigem; um grito de auxílio partiu de seu peito e rolou no abismo profundo; o baque terrível de seu corpo repercutiu nos corações de seus irmãos de trabalho e de miséria... João não morreu; fraturou unicamente as duas pernas. Conduzido ao hospital, as pernas foram-lhe amputadas; salvando-o da morte; mas salvaram-no todavia da miséria? Oh, não! Isso não pode fazê-lo um cirurgião; não está em suas mãos extirpar a humanidade desse terrível cancro – a miséria. Dois meses depois deram-lhe alta no hospital. Inútil para o trabalho, abandonado pela sociedade, a esmola foi seu único recurso; e sentado num carrinho, uma criança arrastava-o



pelas ruas da cidade estendendo a mão aos transeuntes. – Não me incomode!...respondiam-lhe grosseiramente. E é esse o prêmio que recebem as vítimas do trabalho nesta sociedade inútil. (**A LUTA**, Porto Alegre, 14 de dezembro de 1907, nº 25 p.03).

O conto narra a tragédia do pedreiro João que, após um acidente de trabalho, tem as pernas amputadas e a existência entregue a um destino ingrato de abandono e miséria. No conto aparece constantemente a dualidade e o distanciamento entre trabalhador e patrão; enquanto um é desumanamente explorado o outro goza dos privilégios da sua condição social, privilégios esses mantidos através da constante exploração que o patrão emprega para com os operários. Dessa forma, o conto procura transmitir o sofrimento de João para os leitores, fazendo com que essa dor se torne coletiva e acabe resultando sentimentos de revolta e de indignação nos leitores do periódico anarquista **A Luta**. Dessa forma, a função do conto relaciona-se também com a dor, permitindo que o leitor identifique o sofrimento alheio e compadeça-se do mesmo. Alguns autores chegam a admitir que os contos que apresentam o sofrimento são capazes de provocar catarses (uma espécie de purificação) nos leitores, uma vez que a leitura do conto permite aos leitores se sensibilizar com a desgraça alheia e, através dessa sensibilização, realizar certa “purificação da alma”. No entanto, tal afirmativa não é aceita com unanimidade, podendo o conto, portanto, não atingir o leitor da forma pretendida, não provocar catarses ou purificações. Porém, no caso dos contos libertários, verifica-se que o efeito de comoção é, muitas vezes, atingido.

A catarse, que Aristóteles compreendia como uma espécie de “purgação” (porque realiza um efeito purgante sobre as emoções reprimidas dos espectadores) permite-nos identificarmos com o sofrimento dos personagens, ou dos poetas, sentindo temor e piedade. Ao sairmos do teatro (ou do cinema, ou das páginas do livro), retomamos a nossa própria identidade – mas enriquecida pela experiência ficcional, que nos ajuda a conviver com nossas dores e com nossos dramas. (BERNARDO, 1999, p. 143)

O escritor criativo, no entanto, consegue “se pôr para fora”, diferenciando-se do homem comum ao encontrar uma maneira de dar forma pública às suas fantasias e devaneios; ele “finge tão completamente que chega fingir que é dor a dor que deveras sente”, o que ajuda os leitores a encontrarem, na dor lida, não aquela que já tinham antes de lerem, mas outra – aquela que ainda não tinham e que, por efeito de perspectiva, empresta sentido à dor primeira, à dor que não fazia sentido. (BERNARDO, 1999, p. 146-147)

Além da identificação da dor sofrida pelo pedreiro João e provocada por um sistema de exploração contínua, o conto também permite perceber outros pontos relevantes dessa



contínua exploração. Por exemplo, ao afirmar que "*homens, mulheres, meninos e velhos robustos e doentes, encurvados e raquíticos*" saíam de seus "*tristes albergues*" para trabalhar, para a sua "*batalha diária*" o autor denuncia um sistema opressor que não atingia exclusivamente os homens, mas também mulheres, idosos e crianças. Vale ressaltar que o trabalho infantil, bem como o emprego de mulheres nas fábricas de Porto Alegre era uma constante significativa, uma vez que, em muitos casos, se constituíam na mão-de-obra preferida dos patrões, já que os salários fornecidos eram expressivamente mais baixos e o nível de obediência dessa mão-de-obra formada por crianças e mulheres era, via de regra, superior àquele dos trabalhadores homens adultos.

Portanto, no conto acima transparece tanto a exploração a que os trabalhadores estavam submetidos (homens, mulheres, idosos e crianças) nos seus locais de trabalho, quanto a miséria em que viviam: moradias precárias, fome, corpos raquíticos, acidentes de trabalho, entre outras calamidades cotidianas. O autor denuncia a situação de forma direta e clara, pretendendo que o leitor tanto se emocione e se comova com a tragédia de João, bem como se perceba enquanto membro de uma classe explorada que necessita revoltar-se para modificar seu papel social.

Já o conto a seguir, publicado no periódico anticlerical **Lúcifer** no ano de 1907, apresenta uma forte crítica à exploração dos trabalhadores por parte dos capitalistas e ainda aponta para o poder superior que, segundo o autor, o trabalho possui perante o capital, incentivando, portanto, os trabalhadores a exigir o respeito com que merecem ser tratados pelos capitalistas; respeito esse traduzido em melhores salários, condições ideais de trabalho, carga horária máxima de 8 horas, enfim, em uma vida digna para os trabalhadores. O conto utiliza-se da forma fabular para contar sua história, forma essa em que os personagens não são humanos, mas sim seres inanimados que ganham vida através da caneta do contista ou animais cujas ações fictícias estabelecem relações diretas com o comportamento humano. De acordo com Darnton (2001, p.16), os trabalhadores percebiam o mundo mais facilmente através de *coisas* e não de conceitos abstratos. Por isso, a forma fabular é bastante utilizada nos contos subalternos, uma vez que "pessoas comuns pensam com coisas ou com outros materiais que sua cultura disponibilize, tais como histórias, cerimônias, etc". De forma que tais *coisas* – personagens - imitam falas e ações humanas, fazendo com que o leitor se identifique com eles, mesmo sendo personagens totalmente ficcionais, que só ganham vida no universo maravilhoso construído pelo autor do conto. Dessa forma, a narrativa envolve o



leitor, captura-o momentaneamente e o transporta para o mundo ficcional inventado pelo autor.

O conto se desenvolve quase que exclusivamente através de diálogos entre os personagens, em que os comestíveis representam os trabalhadores enquanto o ouro representa o capital. É importante ressaltar que os diálogos são de suma importância para o gênero conto, uma vez que sem eles não há discórdia, enfrentamentos, conflitos. A função do diálogo é, portanto, expor, informar e tornar a leitura e a história dinâmica. O enfrentamento entre uns e outros ocorre, não por meio da interferência, do posicionamento do narrador, mas sim através de diálogos diretos entre uns e outros, ou seja, entre os próprios personagens. De forma que o narrador não se sobressai no conto, o qual, antes de tudo, expressa a voz coletiva. Vale lembrar que a própria função dos contos libertários é expor a experiência coletiva e não a elaboração estética empregada pelo narrador. De forma que “nos textos de característica doutrinária, como os contos anarquistas, a noção de ‘autor’ é intencionalmente dispersa, pois o autor não expressa a individualidade, mas a voz coletiva que representa” (SARGENTINI, 2001, p.3).

#### **Os comestíveis e o ouro**

O vendedor de fiambres (pizzicagnolo) tinha fechado a taverna, ficando envolta em trevas. Somente sobre o balcão, perto das balanças, alguma coisa luzia mandando descaradamente raios que turbavam a tranquilidade dos comestíveis.

– Ah! Queres acabar? – Gritou de repente uma bela forma de parmesão. Ouviu-se rir com escárnio e um raio mais impertinente veio bater sobre a coitadinha.

– Quem é que perturba a nossa tranquilidade? – murmurou então um saco de farinha.

– Sou eu! Ouviu-se gritar do lugar de onde partiram os raios. – Sou eu! Uma bela peça de ouro.

– Ah! Descarada! – exclamou de cima de uma prateleira um frasco de vinho velho. – Crês por acaso que nós somos vagabundos como tu? Nós não ficamos nos bolsos tranquilamente acomodados e abrigados. De manhã até de noite estamos em convulsão para servir a gente.

– Vós? Perguntou sempre zombando a moda. – Ah, ah. Calai-vos marmanjos. Se eu não existisse não podias fazer nada.

– Quem diz isso? Exclamou uma mortadela – é feito de minha carne. É um asno.

– Silêncio lá, pedaço de carne ensacada. Eu represento o capital!

– E nós o trabalho, gritam de uma só voz os comestíveis.

– Pois bem, o que farias sem eu?

– Digas em vez o que farias sem nós?

– Mas, eu serei... sempre ouro!

– E o que é o ouro? É por acaso bom de nutrir o país?

– Mas sim, mas sim.

– Está bem. Amigos! - Disse um barril de arenques – Provemos ao representante do capital quem é o mais forte. Deixemo-lo,





imediatamente, aqui sozinho e como fez a plebe romana, retiramo-nos sobre o mais próximo monte. O povo de Roma venceu venceremos também nós...

Dito isso, o barril começou a rolar, com um empurrão arrombou a porta e saiu. Em um momento atrás dele desapareceram todos os gêneros alimentícios. O trabalho tinha ido embora; ficara só o capital a cintilar sobre os mortos. Na manhã seguinte todos habitantes do lugar foram fazer suas compras, mas encontraram o negócio privado de qualquer alimento. Em vão a peça tentava substituir a fome pelo brilho; não legava a ninguém e o apetite em vez de diminuir aumentava. Ameaçada de morte ela se viu então obrigada de entrar em acordo com os comestíveis; estes, lhe impuseram o respeito que mereciam e daquele dia em diante o trabalho foi considerado coisa melhor do que o capital.

Moral – Aos operários do mundo o imitar dos gêneros alimentícios. Unidos, compactos, eles não serão mais os vencidos, mas os vencedores. (*Tradução*) (LÚCIFER, Porto Alegre, 12 de outubro de 1907, nº3 p.3-4)

Através do diálogo/ enfrentamento estabelecido com a peça de ouro, os comestíveis propõem fazer uma prova para verificar quem é o mais forte: se o capital, ou o trabalho. A conclusão que chegam é que o trabalho é consideravelmente mais forte, pois, sem ele, as pessoas ficam desprovidas de alimentos e, frente a tal situação de escassez, o capital, o ouro de nada serve. De forma que apenas resta a esse último estabelecer um acordo com o trabalho e respeitá-lo enquanto elemento indispensável para o pleno desenvolvimento humano. Para não deixar dúvidas quanto à transmissão da mensagem ao leitor através da leitura do conto, o autor destaca no final do texto a moral da história, ou seja, a própria mensagem já transmitida com a leitura do conto. Além de destacar a moral da história, o desfecho do conto também faz perceber que os comestíveis na verdade fazem uma alusão aos trabalhadores. Portanto, o final do texto, ou seja, a apresentação da moral da história cumpre uma função extremamente doutrinária e pedagógica, uma vez que reforça o já dito no conto e explica o próprio conto, ao divulgar as relações que estabelece (no caso em questão, a relação de identificação dos comestíveis com os trabalhadores e a peça de ouro com o capital). Nota-se que na moral divulgada “*Moral – Aos operários do mundo o imitar dos gêneros alimentícios. Unidos, compactos, eles não serão mais os vencidos, mas os vencedores*” é transmitida a crença na mudança e na força dos trabalhadores, uma vez que seria através da ação deles próprios – dos trabalhadores unidos – que as modificações sociais necessárias ocorreriam. Os trabalhadores precisariam, portanto, imitar o enfrentamento dos comestíveis com o ouro, ou seja, enfrentar os patrões, os burgueses para assim fazer com que esses últimos admitissem o valor do trabalho e conferissem aos trabalhadores as condições mínimas que eles necessitavam e, além disso, o respeito que mereciam por serem vitais para a sociedade. Dessa maneira, o conto é



uma forma de conscientização do poder dos trabalhadores e da importância da ação desses últimos para a ocorrência de mudanças sociais e estruturais na sociedade.

Outro aspecto que chama atenção no conto apresentado pelo periódico **Lúcifer** em 1907 é o fato de estar destacado no final do conto que o mesmo se tratava de uma “tradução”, o que indica que o conto não era inédito e que já tinha sido publicado em outros jornais, em outros países, com outro idioma. Fato esse que era bastante comum na “imprensa marginal”, uma vez que a circulação de contos era uma constante real verificada tanto entre um periódico e outro como entre um país e outro. O jornal **Lúcifer** não indica a procedência do conto, ou seja, de qual periódico foi extraído e traduzido e tampouco o autor da tradução. Apesar da dificuldade em estabelecer a autoria e a procedência do conto, o fato de o mesmo aparecer no periódico anticlerical **Lúcifer** possibilita reflexões interessantes: o conto se assemelha muito a um conto anarquista, uma vez que se ocupa da questão da exploração dos trabalhadores pelos capitalistas, o que acaba por apontar a simpatia que o periódico anticlerical tinha para com os libertários.

O próximo conto, publicado no **Suplemento de La Protesta** em 1908, também se refere à exploração dos trabalhadores por parte dos patrões. É visualizada a exploração tanto de um menino de catorze anos cujo ritmo desgastante do trabalho acaba por deixar-lhe enfermo, bem como de uma mãe viúva que precisa trabalhar de forma desumana para conseguir sustentar seus seis filhos. Um dos filhos dessa mãe, Julio, é o jovem enfermo de que trata a história. O conto apresenta uma narrativa dramática e emotiva, que pretende deixar o leitor comovido com a tragédia de Mariana, a mãe do filho enfermo e de cinco outros mais. De maneira que o conto apresenta a mágoa de Mariana, bem como as tensões sociais existentes entre parte do operariado de Buenos Aires (que era constantemente explorado) e os patrões (que se beneficiavam da exploração dos trabalhadores). No entanto, além de denunciar o sofrimento de Mariana e acusar as tensões sociais existentes, o conto também apontava para mudanças ao conclamar os trabalhadores a apressar o colapso dessa injusta sociedade. O narrador terminava o conto acreditando na mudança, afirmando que “*una sociedad que engendra estas situaciones está destinada á reventar bajo el peso de sus injusticias. ¡Apresuremos nosotros el derrumbe!*”. De forma que a função do conto era tanto denunciar a situação de exploração e miséria que atingia Mariana e sua família, bem como incentivar os trabalhadores a agirem em prol da extinção desse tipo de situação permitida numa sociedade opressora.



### Cosas de la vida

Mariana, la robusta Lavandera que todos los lunes va a hacer su visita al sucio bodegón, llamado pomposamente Restaurant “La Bella Italia”, me ha hecho participe de una historia. Historia triste y fría, terrible y angustiosa; historia en que esta condensado todo el dolor que puede experimentar una madre ante la inminente pérdida del hijo de sus entrañas. En el patio gris con tonalidades oscuras allí, al lado de la tinaja chorreando agua sucia y jabonosa sobre sus flancos, en una mañana de este crudo invierno, entre risas que querían esconder las lágrimas que pugnaban por brotar, dando expansión a su sentimiento de madre, cariñosa y ruda al mismo tiempo, pude oír de aquella mujer buena y simple cándida en su rustica bondad, verdades grandes como montañas, pequeñas páginas ignoradas de un sufrimiento gigantesco condensado en gritos y risas que parecían sollozos... Habiale preguntado yo por su hijo Julio, un muchacho de unos catorce años, alto, flaco, tan flaco que según el decir de los muchachos del barrio, *parecía puro hueso*, el cual hacia tres meses que no iba a trabajar a la herrería de la vuelta, porque tenía una tos, pero una tos que daba lástima sentirlo.

- Yo he quedado viuda con seis hijos, todos chicos, cuando el finado fue aplastado por el fardo de pasto en la barranca de Maipú; ¿Usted se acuerda? – me dejo á modo de preámbulo como para hacerme comprender mejor lo desdichada que había sido en su vida de hembra fecunda y trabajadora.

- Lavando en unas casas la ropa de familias ricas, y en negocios, todos los santos días de la semana, pude á grandes fatigas hacer crecer á mis muchachos, llevarles un pedazo de pan á casa; de noche cuando volvía del trabajo de lavandera cansada como una burra, planchaba y remendaba la ropa de algunos paisanos y al mismo tiempo ponía la pieza en orden; y ahora que los muchachos trabajan, Pedrito en la fábrica de coches, Maria de modista en una casa de la calle Artes, y el pobre Julio me ganaba 1.60 al día en la herrería de Rabufetti; á ahora que mando á Pepito y Ernesto á la escuela, se me enferma Julio, y según dice el doctor tendrá para un año en la cama. ¿Si usted viera? ¡Ay Dios mio! Le viene una tos tan fuerte que parece arrancarle el pecho y después, escupe...y escupe sangre...!

Y me siguió contando entre sollozos, que al principio el doctor de la Sociedad le había recetado un remedio que le había calmado la maldita tos; pero más tarde volvió á venirle más terrible y despiadada, destruyendo poco a poco el cuerpo del pobre Julio, y dejándolo extenuado en la cama con los ojos hundidos y la faz lívida, cadavérica.

- Y yo no puedo cuidarle de día porque sino no puedo comprar los remedios y ganarme el sustento para mis hijos. ¡Oh, que desgraciados somos los pobres!

Y el llano inundó su faz de mujer del pueblo buena y ruda, al pensar en el hijo querido que la tisis le arrebatava lenta y solapadamente.

- La sociedad no quiere más dar los medicamentos porque según dicen, en el reglamento hay una *cosa* que no permite dar medicinas extranjeras á los hijos de los socios.

El relato escueto, verídico y brutal en su sencilla desnudez, enseña lo que son las bellas palabras *bienestar, progreso, abundancia, etc.* Basta decirlos amigos lectores, que el pobre niño ha sido víctima de la explotación de sus infantiles energías en el taller, que la madre es una de las innumerables mujeres obligadas a reventar trabajando para



mantener á su prole, que carece-inaudita infamia – de lo más indispensable para la vida, y que una sociedad que engendra estas situaciones está destinada á reventar bajo el peso de sus injusticias. ¡Apresuremos nosotros el derrumbe! **ATEO PICCOLINI** (**SUPLEMENTO DE LA PROTESTA**, Buenos Aires, septiembre de 1908, nº 05, p.111).

Nas próprias palavras utilizadas por Mariana no seu relato é evidenciada a exploração a que estava submetida em função de uma jornada de trabalho ampliada que a deixava exausta. A frase “*cansada como una burra*” foi escolhida para transmitir o cansaço de Mariana, uma vez que o trabalho como lavadeira associado às demais tarefas que tinha de realizar para ampliar seu soldo, como, por exemplo, passar e remendar as roupas dos “paisanos”, somadas ainda às tarefas do seu próprio lar deixavam-na penosamente exausta.

A exploração também aparece quando o narrador conta a história de Júlio e primeiramente informa que o mesmo era “*flaco, tan flaco que según el decir de los muchachos del barrio, parecía puro hueso*” de forma a transmitir a ideia de que o pobre menino vivia na miséria, sendo que a magreza lhe caracterizava e deixava-o fisicamente enfraquecido. Sendo assim, o contista, ao dizer que Júlio “*parecía puro hueso*” estava fazendo uma crítica direta à miséria e à carência alimentícia verificada em parte do operariado de Buenos Aires; carência essa que será responsável pela constatação de inúmeras enfermidades entre os trabalhadores, dentre as quais a tuberculose se destacava (a palavra *tisis* é utilizada pelo autor do conto enquanto sinônimo de tuberculose). Dessa forma, o discurso verbal apela para o exagero dos traços físicos, ou seja, destaca a magreza dos personagens para transmitir a ideia de miséria no leitor. Além disso, o narrador do conto deixa explícita a certeza de que foi o trabalho exaustivo na ferraria que culminou na enfermidade de Júlio, uma vez que afirma que: “*Basta decirlos amigos lectores, que el pobre niño ha sido víctima de la explotación de sus infantiles energías en el taller*”, o que não deixa dúvidas quanto à exploração do patrão para com o jovem trabalhador, que gastava suas já escassas energias na atividade laboral maçante.

Percebe-se ainda, nessa parte final do conto em que o narrador expõe sua opinião, um tratamento amigável deste para com o enunciatário, o leitor do conto, uma vez que se refere a esse como “*amigo lector*” de forma a realizar uma aproximação entre narrador e leitor, bem como levar o leitor a chegar às mesmas conclusões que as suas. A última frase do conto transmite a ideia de que o narrador se incluía no universo do leitor, uma vez que transmite a mensagem no plural, utilizando-se do pronome “*nosotros*” para incluir tanto narrador quanto leitor no papel de transformadores sociais: “*Apresuremos nosotros el derrumbe!*”. Havendo, portanto, uma relação de cumplicidade entre narrador e leitor.



O conto apresentado no **Suplemento de La Protesta** procura tanto denunciar a exploração de Mariana, quanto de seu filho Júlio por parte de uma sociedade desigual e excludente e, ao mesmo tempo, apontar e acreditar na mudança, conclamando os leitores a participarem da derrubada desse sistema opressor: “*¡Apresuremos nosotros el derrumbe!*”. Sendo assim, a leitura do conto, que parte da narração de um caso isolado – o caso de Mariana – configura-se, ao término da leitura, num caso de muitos, em que a exploração de Mariana e a enfermidade de Júlio passam a estabelecer relações de pertencimento/ proximidade com o cotidiano dos trabalhadores, dos leitores do Suplemento, de maneira que o conto amplia-se do individual para o coletivo, e transforma-se em elemento de contestação de muitos e não apenas da personagem Mariana. Tal poder de abertura verificado no conto faz com que o autor do mesmo seja considerado um “bom contista”, uma vez que “o bom contista é aquele cuja escolha possibilita essa fabulosa abertura do pequeno para o grande, do individual e circunscrito para a essência mesma da condição humana” (CORTÁZAR, 1993, p.155).

O conto intitulado “*Lección del día, el niño*” já indica no próprio título que um ensinamento, uma lição será transmitida com a leitura do texto e, caberá ao leitor, assimilar tal lição.

### **LECCIÓN DEL DÍA EL NIÑO**

Se crió el huérfano sano y robusto. A los siete años gustóle la libertad; esto es, jugar con los otros chicuelos, pero sus tutores dijeron que tomaba malas costumbres y entonces se le encerró en la casa; en ella podía andar por el patio; pero privado de sus compañeros, se exasperó. Nada le valieron sus llanos, pataleos, gritos y protestas. Aún más empeoro su causa; le fueron doblemente duros sus opresores. Entonces creyose astuto: ideo en su magín saltar los muros para ir a reunirse a sus amiguitos; mas fue descubierto y para mayor de sus males redoblaron los castigos. El niño quedose quietito ante el castigo brutal; comprendió que era inútil cuanto hiciera por el momento. Sentíase débil. Pero en su interior: rabia, odio, amarguras intensas prepararon su venganza: y a veces al pensar en ella sentíase feliz y sonreía lleno de gozo – ¡Oh – se decía – ya llegará mi hora! Así fue pasando el tiempo y con el muchos años; y el niño convirtiose en hombre. – Entonces al conocer sus fuerzas y recordar sus sufrimientos pasados, sus rencores tanto tiempo comprimidos estallaron. Sus músculos de joven vigoroso crujieron azuzados por la ira. Y cuando sus crueles y barbaros tutores sintieron alzarse sobre sus cabezas el puño formidable del hombre, llenos de pánico inclinaron las ayer soberbias cabezas dejándolo libre y dueño de su acción: hasta le trataron con dulzura...!Pueblo trabajador! Tú eres ese niño: aprende! *Angel Scuderi (LA PROTESTA, Buenos Aires, 2 de noviembre de 1904, nº 439).*

De forma que se percebe, principalmente no desfecho do conto, que o narrador procura estabelecer um contato direto com o leitor, uma vez que se refere a este e é justamente para o leitor-trabalhador, que o conselho é fornecido. O narrador procura, portanto, aproximar-se do leitor ao criar uma relação de cumplicidade entre o enunciador e o



enunciatório, em que esse último deveria assimilar o conselho transmitido pelo enunciador. Além disso, também se percebe que a criança apenas se liberta depois de ter passado pelo sofrimento, pela dor; de maneira que o próprio sofrimento faz parte do processo de emancipação do trabalhador sendo, através dele – do sofrimento – que se conscientiza da força que o operariado detém. Assim, a miséria e a exploração presenciada por parte dos trabalhadores de Buenos Aires seria apenas uma etapa dolorosa na evolução dos trabalhadores os quais, em breve se revoltariam e atingiriam a liberdade desejada. A postura do contista, ao apontar para a possibilidade que tinham os trabalhadores de revoltar-se e, assim, conquistarem a liberdade e formatarem um mundo justo, apresenta uma postura otimista e esperançosa quanto ao futuro.

Assim, tanto os contos que realizavam a denúncia das instituições opressoras e das misérias do mundo capitalista, bem como aqueles que procuravam incentivar os trabalhadores a revoltar-se e a acreditar num futuro diferente, tinham a pretensão de permanecer na mente do leitor, fazendo com que este ficasse “*trepidante*” após a leitura, refletindo sobre o seu cotidiano e sobre as possibilidades existentes de alterar o rumo da história; possibilidades essas que estavam em suas mãos, uma vez que ele - o leitor - era o agente de transformação a que os contos se referiam em primeiro plano.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDO, Gustavo. **Conhecimento e metáfora**. ALEA, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 1, jan./jun., p.27-42, 2004.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópios**. Trad. Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Perspectiva, 1993.

DARNTON, Robert. **Boemia Literária e Revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

FERREIRA, Antonio Celso. **Literatura: A fonte fecunda**. In: PINSKY, Carla Bassanezy & LUCA, Tania Regina de. **O Historiador e suas Fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 61-92.

GOTLIB, Natália Battella. **Teoria do Conto**. São Paulo: Ática, 1988

JOBIM, José Luís (org). **Introdução aos termos literários**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

LEAL, Claudia Feieranbend Baeta. **Anarquismo em Verso e Prosa: literatura e Propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916)**. Dissertação (Mestrado em teoria Literária) – Instituto de Estudos de Linguagem, UNICAMP, Campinas, SP, 1999.



\_\_\_\_\_. **Literatura útil: um estudo sobre três textos de ficção libertária 1900-1902.**

Disponível em <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio25.html>> acesso em 12/08/2010.

LOBATO, Mirta Zaida. **La prensa obrera.** Buenos Aires: Edhasa, 2009.

MARÇAL, João Batista. **Os anarquistas no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Unidade editorial, 1995.

\_\_\_\_\_. **A Imprensa Operária do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: s/e, 2004.

POE, Edgar Allan. **Ficção Completa, poesia e ensaios.** Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

\_\_\_\_\_. **Poemas e Ensaios.** São Paulo: Globo, 1999.

POLETTTO, Caroline. **TÃO PERTO OU TAN LEJOS:** caricaturas e contos na imprensa libertária e anticlerical de Porto Alegre e de Buenos Aires. Dissertação (Mestrado), Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2011.

**Recebido em Outubro de 2011**  
**Aprovado em Janeiro de 2012**